



# XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

## AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS: A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE FEMINISTA NA SOCIEDADE BRASILEIRA

Samara Fernandes de Barros  
Universidade Estadual da Paraíba-UEPB  
[Samarabarro7@hotmail.com](mailto:Samarabarro7@hotmail.com)

Jailma Oliveira dos Santos  
Universidade Estadual da Paraíba-UEPB  
[Jailma.safsz@hotmail.com](mailto:Jailma.safsz@hotmail.com)

### INTRODUÇÃO

As relações de gênero, feminino e masculino e suas complexidades históricas, trazem a tona levantamentos e críticas socioculturais e políticas ao redor da própria diversidade sexual e sua inclusão na sociedade brasileira, que tenta impor maneiras burocráticas e éticas na opção individual de cada um, seja ela, sexual, trabalhista, biológica e sem que haja intervenções políticas e machistas.

O movimento feminista, em seu início, teve como sua meta conquistar a igualdade de direitos entre homens e mulheres e garantir a participação da mulher na sociedade de forma equivalente. Pode-se dizer que o movimento feminista foi e ainda é um movimento político e intelectual que vem desfazer a ideia de que há uma diferença entre os gêneros. As mulheres acreditavam que elas, por si só, deveriam lutar pela conquista de suas independências (MICHEL, 1988).

O significado e a situação da mulher contemporânea são carregados de preconceitos, desvalorização e exclusão imposta pelo poder machista, dotado de saberes e poderes. Sua determinada opção de “ser” dependia e ainda depende da frágil decisão de ir de frente a uma sociedade machista e capitalista, no qual interfere em todo tipo de decisões. Ser mãe, por exemplo, está totalmente ligado a sua posição sexual e econômica, no qual, ser um homossexual na sociedade brasileira ainda mede preconceito na incapacidade de criar e cuidar, ao mesmo tempo, que, para uma mulher decidir ser altamente independente e não ter



## XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

filhos também gera preconceitos machistas. E assim, generaliza a ideia de que para ser uma mulher bem sucedida não há tempo para “construir família”, da mesma maneira que, ter condições materiais, porém, seja a decisão de não ser bem sucedida que remete ao homem a obrigação da mulher em progredir e criar, e o homem o único capaz de “sustentar” a família.

Entender os processos políticos e sociais que se seguem há muito tempo sobre a identidade feminista, faz repensar a valorização da atuação das mulheres em diferentes épocas e lugares. Vemos e ainda contamos uma história escrita por grandes heróis e poucas heroínas, que marcaram na memória uma identidade globalizada.

A preocupação em “inventar o Brasil”, isto é, em descobrir as supostas raízes históricas do país, contidas na linha de continuidade dos eventos históricos, unindo presente e passado, encadeando os processos sociais, políticos e culturais marcou o horizonte de muitos intelectuais brasileiros, entre os anos vinte e trinta. Envolvidos com a tarefa de determinar futuros possíveis, de encontrar as formas de superação dos obstáculos ao desenvolvimento social e econômico, perguntaram-se pelos traços que marcaram a cultura nacional, pelas características essenciais do “povo brasileiro”, pelo passado que o havia constituído como tal. “*Que país é este?*” foi à questão a que procuraram responder em termos das interpretações das origens históricas do Brasil, da colonização à contemporaneidade. “*Que país quer que seja?*” tem sido a pergunta colocada desde então, retomada em sucessivas ocasiões, inclusive agora, na era da globalização, em que se desfazem as antigas referências nacionais. (MARGARETH RAGO, 1997. P.3)

Joana D’arc, por exemplo, uma camponesa que ajudou a tropa francesa a ganhar batalhas, na expulsão dos ingleses, acabou sendo entregue aos mesmos, acusada de bruxaria, no receio de formar uma forte aliança com os camponeses. Está claro, que por traz desse movimento social havia interesses de poder político e econômico, e que culturalmente permanece até hoje, essa exclusão, a desvalorização da mulher, o “braço” forte e guerreiro que apenas era transparente no sexo masculino, o poder machista e religioso na sociedade que interferia na vida social das mulheres, é vista apenas como sujeitas ao lar, no entanto, algo



## XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

jamais falado, foi a verdadeira importância de algumas das mulheres, como também, a mulher indígena na vida agrícola e econômica.

De acordo com os cronistas, as relações entre mulheres e homens eram boas e pacíficas e os casamentos faziam-se sem imposições; entretanto, a opinião e o consentimento da mãe eram exigidos para realizar a união dos jovens. Para sua sobrevivência, os homens dependiam das mulheres, pois elas asseguravam a produção agrícola e econômica. Abeville afirma que os homens "[...] não pensam senão em seus discursos e suas distrações." Não existia, porém, relações de dominação que obrigassem as mulheres ao trabalho, enquanto os homens permaneceriam ociosos; de um ponto de vista feminista, pode-se detectar uma sociedade de mulheres na qual os homens teriam um papel marginal, entretanto, no agenciamento das relações sociais. São obrigados, desta forma, a passar por certos ritos iniciáticos, entre os quais a guerra, para entrar no mundo das mulheres e receber seu *status* social na sociedade indígena.(TÂNIA SWAIN, 1996. P. 138)

Repensar e refazer uma história do gênero feminino calaria e desconstruiria o pensamento enraizado até hoje. A história traz consigo uma história fragmentada socialmente e politicamente desumana vinculou-se à restrição do acesso à cidadania a negros, indígenas, mulheres e homossexuais.

Diante de tais situações, o referente trabalho tem o objetivo de analisar e posteriormente refletir, a construção da identidade feminina na sociedade brasileira como uma representação social enraizada e concentrada na ideia machista, não só crescente e viva na mentalidade dos homens como também, enquadrada na vida e na mente de algumas mulheres, portadoras de tais conceitos.

Nessa pesquisa, buscamos como ponto principal, contrapor essas mesmas questões, vivas na atualidade com tais ideias carregadas a décadas contextualizando a alguns fatos decorrentes, como ponto construtivo na desigualdade de gêneros em pleno século XXI. Analisando as obras de Margareth Rago (1997); Sexualidade e Identidade da Historiografia Brasileira. Michel Foucault (1988); História da sexualidade: A vontade de saber. E, Tania Navarro Swain (1996); A construção imaginária da História e dos gêneros: O Brasil no século XVI.



## **XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES**

Deste modo, não venho propor respostas, mais sim, levantamentos críticos que faça desconstruir e/ou construir pensamentos reflexivos sobre o poder dos homens sobre as mulheres perante toda a sociedade.

### **METODOLOGIA**

Nossa pesquisa é de caráter bibliográfico, realizada a partir do registro disponível, decorrentes de pesquisas anteriores. Dessa forma, pretendemos desvendar, recolher e analisar informações e conhecimentos sobre as representações sociais. Como embasamento teórico-metodológico, interessa-nos Margareth Rago (1997), Michel Foucault (1988) e Tania Navarro Swain (1996).

### **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

#### **Caracterização da identidade nacional**

O Brasil foi um país escravocrata até outro dia. Os negros eram valorizados enquanto investimento privado de compra e venda, ou enquanto insumo agrícola. As mulheres por não terem direito ao voto baseavam-se na ideia de que elas possuíam um cérebro menor e menos desenvolvido que o dos homens. O índio só tinha utilidade enquanto o explorava na mão-de-obra, e os homossexuais, pre-conceituados banalmente pelas suas escolhas sexuais. E hoje, tenta-se mudar aquilo que já virou normal, o preconceito, a desvalorização, desvalorizar o que a história já traz consigo, os então, vindos de “baixo”.

Neste mundo globalizado que estamos inseridos, introduz a eficácia à simplicidade do corpo, tratando o corpo como objeto, seja ele um simples objeto material e/ou objeto de desejo, em que o próprio corpo não mais nos pertence. O símbolo da boa cerveja, por exemplo, é a imagem da mulher gostosa, do corpo perfeito, que faz a analogia de ambas, deseja-las. Então, vemos a mesma imagem carnal do passado para o presente. A igreja via a mulher como esse pecado carnal e hoje a mulher com a mesma imagem, no entanto numa “liberdade” de mostrar seu corpo.



## XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

Sobre tal plano de fundo, pode-se compreender a importância assumida pelo sexo como foco de disputa política. É que ele se encontra na articulação entre os dois eixos ao longo dos quais se desenvolveu toda a tecnologia política da vida. De um lado, faz parte das disciplinas do corpo: adestramento, intensificação e distribuição das forças, ajustamento e economia das energias. Do outro, o sexo pertence a regulação das populações, por todos os efeitos globais induz. Inserisse simultaneamente. Dos dois registros; da lugar a vigilâncias infinitesimais, a controles constantes, ordenações espaciais de extrema meticulosidade, a exames médicos ou psicológicos infinitos, a todos um micro poder sobre o corpo; mas, também, dá margem a medidas maciças, a estimativas estatísticas, a intervenções que visam todo corpo social ou grupos tomados globalmente. O sexo é acesso, ao mesmo tempo, a vida do corpo e a vida da espécie. Servimo-nos dele como matriz das disciplinas e como princípio das regulações. (MICHEL FOUCAULT, 1988. P. 158-159)

A imagem da mulher há milhões de anos, traz consigo uma representação discursiva que se sobrecarrega dos hormônios, desejos carnisais, pecado, “frágil”, totalizando assim, na fraqueza do homem, no qual, o gênero feminino é a único culpado por desencadear o desejo sexual. E não muito longe desse pensamento, a bíblia, que descreve a mulher como ponto crucial do pecado, seu corpo físico, o desejo incontrolável dos homens, assim, tendo que se submeter às leis do homem, a gerar filhos e não sentir prazer. Vivemos hoje, numa sociedade desenfreada e não muito distante daquela época.

O discurso estereotipado da mulher à cima citado, nasce de um poder machista que se percebe dos aspectos físicos, intelectuais, morais, cívicos, políticos e socioeconômico, no qual as julga, para posteriormente explorá-las, discriminá-las e claro submete-las a total submissão do homem.

Em pleno século XXI, as mulheres ainda são expostas a sociedade como um todo: maneiras de comportamento introduzido pela própria sociedade, às igrejas que lançam maneiras de se vestir e se comportar, a ciência que tem o direito de ter total controle do seu corpo, as leis cívicas e morais que determinam tais comportamentos diante das leis dos “homens”, e o poder da mídia, que enfatiza cada dia mais as maneiras de agir, se vestir, e está



## XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

sempre conectada com o mundo, a moda, em fim. Todas conjugadas a um poder supremo e globalizada no meio social, cultural e sexual de toda humanidade, caracterizando uma identidade nacional.

A aproximação binária das relações entre os gêneros, a universalização dos quadros de dominação do feminino pelo masculino, a eterna luta dos sexos são assim recolocadas em seu lugar, isto é, como simples esquemas datados de representação e de interpretação do mundo. Estes esquemas operam como re-criadores do mundo, tal como podemos vê-lo, em condições de possibilidade precisas e sobretudo, tal como gostaríamos que fosse; representar nunca é, portanto, uma atividade neutra, pois a emoção e a afetividade impregnam o olhar posto sobre a realidade. As representações e seus corolários, a divisão do mundo, o estabelecimento das normas, dos valores, das hierarquias, dos quadros de vida, emergem aos olhos do analista em todos os discursos, em todos os textos, inscritos, iconográficos, imagens, símbolos. Expressam igualmente suas condições de produção em redes de sentidos singulares, históricas.<sup>3</sup>  
(Tânia Swain, 1996. p.132)

A luta da mulher com o objetivo de ser incluída na sociedade machista está conseguindo aos poucos, superar a ineficiência das leis, o olhar machista e até mesmo feminista, por que até mesmo algumas mulheres passam tais discursos para as outras gerações, que a mulher deve estar apta aos serviços domésticos, a ter filhos e obedecer a seus maridos.

Não podemos negar o lar cívico e religioso em que viveram e foram criadas as mulheres, uma época que o “pai” era o homem da casa, sustentava a família, e a “mãe” cuidava do lar e dos filhos, preparando as filhas para a vida conjugal e os filhos a serem donos do lar, homens trabalhadores. Esse estereótipo é vigente na sociedade atual apesar de algumas mulheres serem independentes, que tentam se sobressair de uma qualificação exposta historicamente. Então, qual é o verdadeiro lugar de ambos os gêneros? Isso deveria realmente ser repensando se há necessidade de tal posição, da mesma forma que caracteriza a cor rosa ao sexo feminino e o azul ao sexo masculino. Porque seguir uma determinada linha no qual a



## **XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES**

sociedade julga como feminino e masculino? Porque devemos nos identificar femininos ou masculinos por determinadas cores, azul ou rosa, e os brinquedos, carros ou bonecas?

A própria forma das mães ainda agirem de tal maneira, condiz com o que chamamos de identidade nacional, as representações sociais que se sobressaem sem ao menos nos darmos conta, no entanto, não podemos negar o quanto aparentaria estranho ver uma mãe fazendo um enxoval de sua filha todo em azul, ou uma mãe comprando uma boneca para o seu filho. Se sobressair de tais conceitos não se diz ser fácil apesar de nos dias atuais entendermos que vivemos num mundo completamente machista, estereotipado e arrodado de disciplinas.

As disciplinas tomam conta do nosso modo de vida, do nosso dia-a-dia, sujeitos a seguir uma determinada forma, por mais que nos julgemos capazes de modificar nosso pensamento. Agir em defesa do próprio machismo que existe dentro de nós mesmo, se adaptar e recriar outros valores e normas que se adequem a nossos desejos e não as dominações impostas pela sociedade, não mostra ser o suficiente para acabarmos com o medo de alto se determinar “tal” gênero. Em pleno século XXI vemos ainda mais forte, a dominação do discurso, a divisão de papéis, a forma constante de ter que se comporta de maneira disciplinar em própria defesa de si mesmo. A escolha de ser homem, mulher ou heterossexual mudaria, certamente, a ordem dos discursos e constituiria uma total ruptura na sociedade. E até mesmo modificaria tais leis que representam o conceito de família, pois, como conceituar ou classificar uma “nova classe familiar” que não mais se representaria apenas por um homem e uma mulher, supostamente pai e mãe?...

### **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Tanto o estereótipo do guerreiro, quanto o da donzela frágil, limitam homens e mulheres a acreditar que, mais do que cumprir a meta de uma simples representação social de seus sexos, deveriam seguir sua identidade pessoal, sua personalidade, tomando-se literalmente o sentido da palavra 'pessoa' a realização de sua meta de vida.



## XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

A pesquisa nos permitiu confirmar que as mulheres conquistaram um espaço pelo qual lutaram há décadas e representam, na sociedade diferentes formas de vida nos diferentes lugares concretos.

Ser mulher hoje em dia, assumindo uma posição no mercado de trabalho que não seja relacionado aos afazeres domésticos, não configura uma ameaça emocional e psíquica ao homem, pois a abertura para o outro deve acontecer de forma aberta e dialética permitindo que ambos os lados se apresentem e se reconheçam, não tendo mais que ficar justificando valores e posições pré-concebidas, armadas e fundamentadas em constructos sociais.

Deve-se entender que todos têm seu valor social, pois segundo Saffioti (1992), em seu texto “*Rearticulando gênero e Classe social*” critica a determinação física sexual como representação do papel social que as pessoas vão desempenhar. A relação entre os gêneros vai além da existência de dois sexos, mas compreende a construção feita do social para o indivíduo, pois dependendo dos valores de cada momento histórico, os indivíduos terão seus corpos e funções determinados de formas diferentes.

Desta forma não cabe mais, a mulher do século XXI abrir mão do que foi conquistado e continuar a viver como escrava, doméstica e tantos outros estereótipos adquiridos ao longo da história. A mulher hoje ocupa cargos importantíssimos, elas comandam escolas, universidades, empresas, cidades e países como é o caso da presidente Dilma Rousseff.

Contudo, avanços à parte, é preciso que se diga que as questões de gênero no Brasil e no mundo devem sempre estar na pauta das discussões da sociedade civil e do Estado, dadas a importância da defesa dos direitos e da igualdade entre os indivíduos na construção de um mundo mais justo.

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

SAFFIOTI, Heleieth I. B. Rearticulando gênero e classe social. In: COSTA, A.O.; BRUSCHINI, C. (Orgs.) *Uma Questão de gênero*. São Paulo, Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1992.



## **XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES**

SWAIN, Tânia Navarro (1996). A construção imaginária da história e dos gêneros: O Brasil no século XVI. Textos de História. Revista do Programa de Pós-graduação em História da UNB, Brasília, vol. 4, n. 2.

FOUCAULT, Michel. História da Sexualidade I: a vontade de saber. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.

RAGO, Luzia Margareth. Sexualidade e identidade na historiografia brasileira. (org.) XIX Simpósio Nacional de História- ANPUH. Belo Horizonte- MG. Julho de 1997. Vol. I.